

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**JOVENS AGRESSORES SEXUAIS:  
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AGRESSORES  
INDIVIDUAIS E AGRESSORES EM GRUPO**

**Pauliana Freitas Magalhães**

Vila Real, janeiro de 2015

## **Agradecimentos**

Esta investigação não teria sido possível realizar sem o apoio de algumas pessoas a quem deixo o meu especial agradecimento:

Ao meu orientador, Professor Doutor Ricardo Barroso, pela constante disponibilidade, compreensão, partilha de conhecimentos e acompanhamento durante a realização deste trabalho.

À Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, pelo interesse e total colaboração neste projeto de investigação.

Aos/as Diretores/Diretoras dos Centros Educativos e Estabelecimentos Prisionais por me amavelmente me acolheram e se demonstraram totalmente disponíveis para mim e para este trabalho.

Aos jovens institucionalizados nos Centros Educativos e Estabelecimentos Prisionais, por me terem recebido da melhor forma e terem colaborado neste estudo, contribuindo para que o meu interesse por esta temática aumentasse ainda mais.

Aos meus pais, namorado, familiares e amigos, que serão sempre o pilar da minha vida e que estiveram sempre presentes, transmitindo a força necessária para o concretizar de mais um sonho.

A todos vocês, o meu muito Obrigada!

## Índice

Agradecimentos .....	ii
Lista de tabelas .....	v
Lista de siglas e acrónimos.....	vi
Introdução.....	vii
Parte I – Artigo Teórico .....	viii
Resumo.....	2
Abstract .....	3
Jovens agressores sexuais: diferenças entre jovens agressores individuais e agressores em grupo (revisão de literatura) .....	4
Enquadramento legal .....	5
Jovens agressores sexuais .....	6
Jovens agressores e jovens agressores sexuais .....	9
Jovens agressores sexuais: crime perpetrado individualmente e em grupo.....	10
Conclusão .....	12
Referências Bibliográficas .....	14
Parte II – Artigo Empírico.....	ix
Resumo.....	18
Abstract .....	19
Jovens agressores sexuais: diferenças entre jovens agressores individuais e agressores em grupo .....	20
Metodologia .....	22
Objetivos.....	23

Hipóteses de investigação.....	23
Caracterização da amostra .....	25
Procedimentos e critérios de seleção .....	26
Instrumentos.....	28
Grelha de recolha de dados processuais .....	28
QA - Questionário de agressão .....	29
EFS-W - Escala de fantasias sexuais de Wilson.....	29
IVIA - Inventário de auto e hetero-avaliação da vinculação na infância e adolescência.....	30
Resultados .....	31
Discussão dos Resultados.....	38
Referências Bibliográficas .....	43

**Lista de tabelas**

- Tabela 1 Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente ao número total de vítimas.
- Tabela 2 Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à relação entre agressor e vítima.
- Tabela 3 Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à idade do agressor.
- Tabela 4 Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à reincidência do crime.
- Tabela 5 Resultados obtidos com a MANOVA aplicado sobre os dois grupos relativamente à agressão.
- Tabela 6 Resultados obtidos com a MANOVA aplicado sobre os dois grupos relativamente às fantasias sexuais.
- Tabela 7 Resultados obtidos com a MANOVA aplicado sobre os dois grupos relativamente à vinculação.
- Tabela 8 Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à qualidade do grupo de pares.
- Tabela 9 Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à pertença a gangs.
- Tabela 10 Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à avaliação do contexto comunitário.

**Lista de siglas e acrónimos**

CE	Centro(s) Educativo(s)
DGRSP	Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
EP	Estabelecimento(s) Prisional(ais)
IATSO	International Association for the Treatment of Sex Offenders
JAS	Jovens Agressores Sexuais
JAS-G	Jovens Agressores Sexuais – Grupo
JAS-I	Jovens Agressores Sexuais – Individuais
LTE	Lei Tutelar Educativa

## **Introdução**

As agressões sexuais praticadas por adolescentes têm sido nos últimos anos um dos focos de interesse da psicologia clínica e forense. O interesse reside, sobretudo, no estudo e análise de variáveis que estejam relacionadas com a ocorrência destas agressões para, deste modo, se poder obter melhores orientações técnicas para a avaliação e prática clínica. Neste âmbito, o presente trabalho de investigação surge em resposta à necessidade de estudar o comportamento sexual nos jovens adolescentes, contribuindo para o conhecimento científico e para a prevenção e intervenção nestes comportamentos.

A nível de estrutura, este estudo encontra-se dividido em duas partes que correspondem, igualmente, a dois artigos científicos. O primeiro artigo corresponde a uma revisão da literatura e tem como objetivo proporcionar um breve enquadramento teórico em torno do conceito da delinquência juvenil e, mais concretamente, do comportamento sexual dos jovens agressores. O segundo artigo apresenta os resultados de um estudo empírico cujo objetivo foi estudar as características e as especificidades de um grupo de jovens agressores sexuais no que respeita ao modo como a agressão sexual ocorreu, podendo esta ter sido de forma individual ou em grupo. Neste sentido, recorreu-se a uma amostra total de 100 jovens agressores sexuais, recolhidos em centros educativos e estabelecimentos prisionais sob tutela do Ministério de Justiça português.

Os resultados deste estudo sugerem dados importantes para o processo de avaliação e intervenção clínica e forense, bem como para a prevenção de comportamentos de agressão sexual juvenil.

## **PARTE I**

### **ARTIGO TEÓRICO**

Jovens agressores sexuais:  
diferenças entre jovens agressores individuais e agressores em grupo  
(revisão de literatura)

Pauliana Magalhães

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia, UTAD.

Tese apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro Universidade para cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, realizada sob a orientação científica do Doutor Ricardo Barroso.

A correspondência referente a este artigo deve ser enviada para:

lianamagalhaes@live.com.pt

Vila Real, janeiro de 2015

## Resumo

Embora a temática da agressão sexual suscite alguma curiosidade e interesse para a comunidade científica, grande parte dos estudos realizados centram-se na população adulta. Desta forma, são ainda escassos, em particular no contexto nacional, os estudos nesta área direcionados para as características e especificidades dos jovens agressores sexuais. Em termos teóricos, existem duas perspetivas que explicam a existência da agressão sexual cometida por adolescentes. A perspetiva generalista defende que este tipo de agressão ocorre como mais uma manifestação de delinquência juvenil, sendo os fatores explicativos da delinquência juvenil os mesmos que da agressão sexual. Por outro lado, a perspetiva especialista, sustenta que estes dois tipos de jovens agressores devem ser compreendidos como grupos distintos, cujas agressões sexuais são explicadas por fatores especiais/específicos que diferem das circunstâncias que explicam as agressões de outros jovens delinquentes.

No que diz respeito à prática do crime, os jovens ao cometer um crime de natureza sexual, podem fazê-lo sozinhos ou na companhia de outros sujeitos. A existência desta dicotomia parece ser uma característica específica em jovens agressores sexuais, uma vez que a agressão sexual em grupo é relativamente rara em adultos. Embora existam estudos que comparem este dois grupos de agressores sexuais identificando algumas diferenças entre eles, verifica-se ainda uma escassez de estudos nesta área. Eventuais diferenças que se encontrem entre estes dois grupos podem ajudar a identificar as variáveis que parecem explicar o facto de alguns adolescentes cometerem agressões sexuais sozinhos e outros na companhia de outros jovens.

Palavras-chave: jovens agressores sexuais, agressores sexuais individuais, agressores sexuais em grupo, delinquência juvenil.

### **Abstract**

Although the theme of sexual aggression arouses some curiosity and interest to the scientific community, most of the studies focus on the adult population. This way, studies targeted to the characteristics and specificities of juvenile sexual offenders are scarce, particularly in national context. Theoretically, there are two perspectives that explain the existence of sexual offenses committed by adolescents. The generalist perspective defends that this kind of aggression happens as another manifestation of juvenile delinquency, being the explanatory factors of juvenile delinquency the same as sexual offender by adolescent. Otherwise, the specialist perspective argues that these two kinds of young offenders should be understood as distinct groups, being the sexual aggression explain by special/specific factors that are different from the situation that explain the aggression of others juvenile delinquents.

With regard to crime practice, when young people commit sexual crimes can do it alone or with someone. The existence of this dichotomy seems to be a specific characteristic in young sex offenders, since group sex offender is rare in adults. Even though there are studies that compare theses two groups of sexual offenders, finding some differences between them, there are very little studies about this area. Differences that can be found between this two groups may help to identify the variables that seem to have a specific paper in the explication of the fact that some teenagers commit sexual aggressions by themselves and others with other teenagers.

Keywords: juvenile sexual offenders, solo juvenile sex offenders, group juvenile sex offenders, juvenile delinquency.

## **Jovens agressores sexuais: diferenças entre jovens agressores**

### **individuais e agressores em grupo (revisão de literatura)**

Nas sociedades atuais, quando os comportamentos violentos são praticados por jovens é quase inevitável perguntar o porquê disso acontecer e o que pode ser feito para diminuir a sua probabilidade de ocorrência. Um fator de complexidade decorrerá da própria diversidade de formas e expressão que os comportamentos antissociais podem assumir nos jovens. A diversidade da atividade antissocial pode ser entendida em termos de maior ou menor gravidade dos atos praticados pelo indivíduo mas igualmente da persistência ou permanência desses atos ao longo do tempo. Assim, enquanto a maioria dos adolescentes poderá envolver-se, ainda que ocasionalmente, em atividades antissociais, só um número muito restrito apresentará comportamentos delinquentes graves e persistentes (Negreiros, 2001; Marques, 2012). O termo delinquência juvenil é utilizado por muitos autores para se referir às transgressões da lei realizadas por adolescentes. No entanto, referente ao desenvolvimento do adolescente - seja ele físico, psicológico, moral ou sexual - é difícil estabelecer uma distinção entre o comportamento normativo e não-normativo (Barroso, 2012), sendo que irá depender de fatores subjetivos que variam em função da idade, sexo e cultura. O termo “comportamento delinquente” está associados aos adolescentes que estabelecem comportamentos que estão fora daquilo que é estabelecido como norma ou lei social (Araji, 2004). Embora não seja possível traçar um perfil exato dos jovens delinquentes, existem fatores de risco que poderão estar associados ao surgimento da delinquência juvenil, sendo eles de natureza individual, familiar e/ou social. As investigações científicas indicam que alguns dos jovens que se envolvem em atividades desviantes derivam de famílias desestruturadas e poderão estar envolvidos em grupos de pares que são desfavoráveis por vários tipos de comportamento desviante, como por exemplo o

consumo de álcool e de drogas (Araji, 2004; Pechorro, 2011). Mais concretamente salienta-se a influência do grupo de pares, sendo que existem evidências de que a rejeição pelo grupo de pares durante a infância poderá ser significativamente preditora de comportamento delinvente durante a adolescência bem como a possibilidade de existir, já na adolescência, uma associação a pares desviantes que poderá vir a desenvolver comportamentos deste cariz (Hinshaw & Lee, 2003).

### **Enquadramento legal**

Em Portugal, os jovens cuja identidade inclui o envolvimento em atividades ilegais, ficam sujeitos à aplicação da lei tutelar educativa, sob responsabilidade do Ministério da Justiça e da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), tendo como missão proporcionar aos jovens a aquisição de conhecimentos, competências e valores sociais com vista ao sucesso da sua reinserção social e profissional. A Lei Tutelar Educativa (aprovada a 14 de Setembro de 1999) entrou em vigor em Janeiro de 2001 e visa “a educação do menor para o direito” (art. 2.º da LTE). Estão abrangidos por esta lei, os menores com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, que tenham praticado “um facto qualificado pela lei como crime e passível de medida tutelar” (art. 3.º da LTE). A faixa etária da aplicação desta lei justifica-se pelo facto de se considerar que antes dos 12 anos de idade o jovem não possui características psicobiológicas suficientes que lhe permitam entender o sentido da intervenção. “A execução das medidas tutelares pode prolongar-se até o jovem completar 21 anos, momento em que cessa obrigatoriamente” (art. 5.º da LTE). As medidas tutelares educativas são aplicadas por ordem de gravidade, podendo ser medidas não institucionais (arts. 9.º a 16.º da LTE) ou medidas institucionais (art. 17.º da LTE). Os centros educativos (CE) destinam-se a receber os jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, a

quem lhes foi aplicada medidas institucionais, podendo estas ser medida de detenção; medida cautelar de guarda; internamento para realização de perícia sobre a personalidade; internamento em fins-de-semana e medida tutelar de internamento. Quando os jovens com idade superior a 16 anos cometem um crime são colocados em Estabelecimentos Prisionais (EP). Pressupõe-se que, e de acordo com o princípio da socialização, apesar do afastamento do jovem do seu meio de origem devem ser favorecidos os vínculos sociais, com a família e amigos, tal como a colaboração e participação de entidades públicas e privadas.

### **Jovens agressores sexuais**

Sabe-se que a adolescência é um período do desenvolvimento em que o jovem atravessa um conjunto de alterações desenvolvimentais e comportamentais que o levam a explorar a sua relação com o mundo e com os outros. Também o desenvolvimento e a curiosidade sobre a sexualidade fazem parte desta fase transitória para a vida adulta, levando os jovens à procura das primeiras relações de intimidade. Desta forma, embora se torne muitas vezes difícil definir comportamentos sexuais normativos para esta faixa etária (Barroso, 2012), a Associação Internacional para o Tratamento de Ofensores Sexuais (IATSO) define um jovem agressor sexual como um sujeito com uma idade compreendida entre os 12 e os 18 anos que tenha realizado um ato considerado legalmente como um crime sexual (Miner et al, 2006).

Embora o estudo da agressão sexual seja um tema com vários focos, os investigadores têm direcionado grande parte dos seus estudos para a população de agressores sexuais adultos. No entanto, torna-se importante estudar esta população de adolescentes agressores sexuais. Estudos recentes estimam que estes adolescentes cometem cerca de 20% de todas as agressões sexuais e cerca de 50% de todo o abuso

sexual de crianças (Barbaree & Marshall, 2006; cit por Keelan & Fremouw, 2013) e que, em Portugal, um quarto dos sujeitos condenados por violação sejam menores de idade (Barroso, 2012). Estes e outros dados têm desenvolvido o interesse científico de alguns investigadores notando-se um crescente interesse em estudar esta problemática em populações mais jovens.

Em termos teóricos, existem duas perspectivas que explicam a existência da agressão sexual cometida por adolescentes. A perspectiva generalista defende que os fatores que explicam a delinquência juvenil são os mesmos que justificam a agressão sexual cometida por adolescentes, não existindo diferenciação entre os fatores que levam à prática dos crimes (Hooing, Jonker, & Van Berlo, 2010; Ronis & Borduin, 2007). Por outro lado, a perspectiva especialista, sustenta que estes dois tipos de jovens agressores – os sexuais e os não sexuais - devem ser compreendidos como grupos distintos, sendo que as agressões sexuais são explicadas por fatores específicos que diferem das circunstâncias que explicam as agressões de outros jovens delinquentes (Barroso, 2012; Chu & Thomas, 2010; Van Wijk, Van Horn, Bullens, Bijleveld, Doreleijers, 2005).

Vários estudos procuram explicar o comportamento sexualmente agressivo destes jovens. Neste sentido, Marshall e Barbaree (1990), afirmam que as experiências precoces têm influência no comportamento dos jovens. Quando estas experiências são problemáticas no início de vida, pautadas muitas das vezes por negligência dos cuidados básicos e abuso sexual, pode desencadear-se um conjunto de problemas ao nível das competências de autorregulação, desencadeando comportamentos tendencialmente agressivos ou de motivação sexual desviante (McCuish, Lussier, Corrado, 2014). Seto e Lalumiere (2010), apontam também para razões de cariz desenvolvimental, destacado os efeitos de experiências precoces adversas (nomeadamente o abuso sexual) e do estilo

de vinculação. Assim, quando a criança não desenvolve uma vinculação segura na relação com os seus cuidadores, as suas competências sociais futuras poderão estar comprometidas. Essas possíveis dificuldades na relação interpessoal poderão impedir relacionamentos positivos com o grupo de pares e, deste modo, aumentar a possibilidade de o jovem se envolver em contactos sexuais coercivos com pares, adultos ou crianças mais novas. Neste sentido, os problemas poderão tornar-se mais visíveis ou intensificar-se na fase da adolescência, dado os comportamentos de exploração e descoberta sexual que tendem a ocorrer neste período desenvolvimental.

Ward e Beech (2006) apresentaram uma perspetiva teórica que parece explicar a razão pela qual os jovens agredem sexualmente. Segundo estes autores a razão da agressão deve ser analisada tendo em conta a posição do jovem em vários fatores do macrossistema em conjunto com fatores individuais (e.g., experiências de abuso ao longo do desenvolvimento). Assim, os problemas ao nível das competências interpessoais, atitudes e crenças que suportam comportamentos agressivos e problemas sexuais resultam da interação com certos desencadeantes ambientais em contextos socioculturais específicos (Ward & Beech, 2006). Desta forma, existe uma ligação entre os problemas emocionais do sujeito e as agressões sexuais por si praticadas quando os indivíduos utilizam o sexo como forma de lidar com os seus estados emocionais negativos (e.g., através da masturbação ou de fantasias sexuais). Como desencadeantes, poder-se-ão incluir eventos sentidos como stressantes (e.g., conflitos relacionais). As dificuldades sociais são encaradas como o resultado de problemas de vinculação e, os problemas sexuais são o produto desses problemas, bem como das dificuldades na regulação emocional.

### **Jovens agressores e jovens agressores sexuais**

Tal como já foi anteriormente referido, vários autores sugerem que os jovens agressores sexuais apresentam características que os diferenciam de outro tipo de jovens agressores. Relativamente ao desenvolvimento sexual, os JAS tendem a desenvolver mais precocemente a sua curiosidade sobre os assuntos relacionados com sexo, recorrendo muitas das vezes à observação de outras pessoas envolvidas em atividades sexuais ou à visualização de pornografia e, quanto à idade dos primeiros contactos sexuais, os JAS tendem a ter a sua primeira masturbação e relação sexual mais cedo que os outros jovens (Marshall & Marshall, 2000; McCuish, Lussier, & Corrado, 2014), sendo que grande parte das primeiras experiências sexuais dos JAS é forçada e não consentida pelo parceiro (Seto & Lalumiere, 2010).

Os JAS tendem a diferenciar-se de outros jovens agressores, apresentando maior défice de competências sociais, mais problemas de autorregulação e maior ativação sexual em relação a crianças ou a prática de sexo coercivo (Marshall & Barbaree, 1990). Por outro lado, estes jovens tendem a apresentar menos antecedentes criminais, menos comportamentos aditivos e menor relação com grupo de pares com comportamentos transgressivos (Seto & Lalumiere, 2010). Relativamente às práticas parentais, os estudos de Marshall e Barbaree (1990) e de Keelan e Fremouw (2013) demonstram que muitos dos JAS descendem de famílias abusivas onde o controlo parental é efetuado através da coerção, intimidação e violência física e/ou sexual. Deste modo, estas crianças não tendo a oportunidade de adquirir competências de relacionamento interpessoal e íntimo, desenvolvem um padrão relacional baseado em comportamentos agressivos inapropriados, reforçados e modelados pelos pais. Seto e Lalumiere (2010), ao investigar possíveis diferenças entre um jovem agressor e um jovem agressor sexual, encontram variáveis que poderão diferenciar estes dois grupos. Desta forma os JAS

apresentam mais história de abuso sexual, abuso físico e negligência, mais exposição a violência sexual, mais isolamento social, maior exposição precoce a sexo e pornografia, manifestam mais interesses sexuais atípicos e tendem a apresentar mais ansiedade e mais baixa autoestima. No entanto, os JAS partilham também muitos dos fatores de risco para a delinquência, fazendo com que exista uma grande heterogeneidade de JAS, tornando ainda mais difícil o estabelecimento das diferenças entre agressores (Butler & Seto, 2002; Righthand & Welch, 2004).

### **Jovens agressores sexuais: crime perpetrado individualmente e em grupo**

Relativamente à forma como os JAS praticam o crime, podem fazê-lo de forma individual (JAS-I) ou em grupo (JAS-G), considerando-se neste último grupo as agressões praticadas por dois ou mais elementos. Embora esta temática suscite alguma curiosidade e interesse para a comunidade científica, ainda são escassos os estudos que comparam estes dois grupos de JAS, sendo necessário aprofundar mais o conhecimento neste domínio. Eventuais diferenças que se encontrem entre os JAS-I e os JAS-G podem ajudar a identificar as variáveis que parecem ter um papel específico na explicação do facto de alguns adolescentes cometerem agressões sexuais sozinhos e outros na companhia de mais jovens.

A existência de abuso sexual na infância e o cometimento de crime sexual na fase de adolescência, é considerada uma variável preditora da agressão sexual no futuro (Seto & Lulumiere, 2010). Quando se procura os seus efeitos diferenciando os grupos de jovens agressores as investigações referem que é nos JAS-I que se verifica uma maior prevalência de abuso sexual (Hooing, Jonkrt & Van Berlo, 2010).

Com o objetivo de estudar as características de personalidade que poderão diferenciar estes dois grupos, vários autores concluem que os JAS-I apresentam valores mais elevados a nível do neuroticismo e impulsividade, revelando valores mais baixos

que os JAS-G relativamente à sociabilidade e relação com os outros (Bijleveld & Hendriks, 2010; Hooing, Jonkrt & Van Berlo, 2010; Silva, Woodhams & Harkins, 2014). Estes autores acrescentam ainda que o crime de abuso sexual quando perpetrado de forma individual, tende a ser realizado por jovens mais velhos do que os crimes realizados em grupo e que, no que diz respeito ao número de vítimas do crime sexual, os JAS-I tendem a ter um maior número de vítimas. Acrescentam ainda que os abusos realizados em grupo tendem a ser mais violentos que os individuais (Gidycz & Koss, 1990, cit por Bijleveld & Hendriks, 2010). Já em relação à familiaridade/conhecimento da vítima, os estudos revelam que os JAS-I, recorrem mais frequentemente a colegas de escola, vizinhos e irmãos, enquanto os JAS-G tendem a abusar de pessoas desconhecidas ou com um nível baixo de proximidade (Hooing, Jonkrt & Van Berlo, 2010). Por sua vez, Hart-Kerkhoffs, Vermeiren, Jansen e Doreleijers (2011) numa investigação mais específica com objetivo de estudar apenas os JAS-G, nomeadamente os líderes do grupo e os seus seguidores, concluíram que os líderes de grupo revelam mais problemas emocionais enquanto os seguidores desses líderes demonstram níveis mais elevados de problemas no domínio social ao nível relacional. Por sua vez, quanto à probabilidade de reincidência no crime sexual, os estudos demonstram que os JAS-I apresentam maior probabilidade de reincidir no crime de abuso sexual, sendo que a maior parte da amostra de JAS-I já era reincidente do crime desta natureza (Bijleveld & Hendriks, 2010).

## Conclusão

Com conhecimento do elevado número de crimes sexuais praticados por jovens, praticados em diversos contextos (e.g., escolas, instituições de acolhimento) e com uma visibilidade cada vez maior nos meios de comunicação social, torna-se totalmente pertinente o estudo das características dos jovens agressores sexuais em Portugal.

Sabe-se, através da análise de alguns estudos realizados, que existem características que diferenciam um jovem agressor sexual de outro tipo de jovem agressor os JAS tendem a descender de famílias abusivas onde o controlo parental é efetuado através da coerção, intimidação e violência física e/ou sexual, onde maioritariamente são alvo de abuso sexual por parte das figuras de vinculação. Desta forma, diferenciam-se de outros jovens agressores, apresentando maior défice de competências sociais, mais problemas de autorregulação e maior ativação sexual em relação a crianças ou a prática de sexo coercivo (Barroso, 2012; Chu & Thomas, 2010; Van Wijk, Van Horn, Bullens, Bijleveld, Doreleijers, 2005; Marshall & Barbaree, 1990; Seto & Lalumiere, 2010).

No entanto, mesmo sabendo destas diferenças entre grupos, é importante ter em conta a complexidade e a utilidade destes dados, quer para a intervenção clínica, quer para a prevenção destes comportamentos desviantes, sendo necessário realizar mais investigações que estudem esta população específica em diversas variáveis, podendo assim, mesmo sabendo que os jovens agressores sexuais são uma população bastante heterogénea, chegar a conclusões mais consistentes sobre esta problemática.

Ao nível do estudo das características que diferenciam um jovem agressor sexual que atua de forma individual e outro que atua em grupo, ainda são muito escassos e preliminares os dados científicos existentes, sendo necessário realizar mais comparações

entre estes dois grupos, acreditando-se que, dessa forma, se estará a comprovar a necessidade de intervir de forma distinta com cada um dos grupos.

### Referências Bibliográficas

- Araji, S. (2004). Preadolescents and adolescents. In O' Reilly, G., Marshall, W., Carr, A., & Beckett, R. *The Handbook of Clinical Intervention with People who Sexually Abuse*: 3-35. Hove: Brunner-Routledge.
- Barroso, R. (2012). *Características e especificidades de jovens agressores sexuais*. Tese de doutoramento (não publicada). Departamento de educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Bijleveld, C., & Hendriks, J. (2010). Juvenile sex offenders: differences between group and solo offenders. *Psychology crime & law*, 9(3), 237-245, doi: 10.1080/1068316021000030568.
- Butler, S. M., & Seto, M. C. (2002). Distinguishing two types of adolescent sex offenders. *Journal of the american academy of child and adolescent psychiatry*, 41(1), 83-90. doi: 10.1097/00004593-200201000-00015
- Chu, C., & Thomas, S. (2010). Adolescent sexual offenders: the relationship between typology and recidivism. *Sexual abuse: a journal of research and treatment*. 22(2). 218-233. doi: 10.1177/1079063210369011.
- Hart-Kerkhoffs, L., Vermeiren, R., Jansen, L., & Doreleijers, T. (2011). Juvenile group sex offenders: a comparison of group leaders and followers. *Journal of interpersonal violence*, 26(1), 3-20. doi: 10.1177/0886260510362882.
- Hinshaw, S. P. & Lee, S. S. (2003). Conduct and oppositional defiant disorder. In E. J. Mash & R. A. Barkley (Eds.). *Child psychopathology*: 144-198. New York: Guilford Press.

- Hooing, M., Jonker, M., & van Berlo, W. (2010). Juvenile sex offenders in a dutch mandatory educational programme: subtypes and characteristics. *Journal of sexual aggression, 16*, 332-346. doi: 10.1080/135526009033550991.
- Keelan, C.M., & Fremouw, W.J. (2013). Child versus peer/adult offenders: a critical review of the juvenile sex offender literature. *Aggression and violent behavior, 1-13*. doi: 10.1016/j.avb.2013.07.026.
- Lei Tutelar Educativa. (1999). Diário da República, I Série-A, nº 215, pp. 6320- 6351. Retirado de [http://www.cnpcjr.pt/preview\\_documentos.asp?r=1032&m=PDF](http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=1032&m=PDF).
- Marques, A. (2012). Comportamentos antissociais e fatores de risco da delinquência juvenil: caracterização de uma escola. (Manuscrito não publicado). Universidade Fernando Pessoa, Porto., Portugal.
- Marshall, W. L. & Barbaree, H. E. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. In W. L. Marshall, D. R. Laws, & H. E. Barbaree (Edts.), *Handbook of sexual assault: issues, theories and treatment of the ofender*, 164-181. New York: Plenum Press.
- Marshall, W. L., & Marshall, L. E. (2000). The origins of sexual offending. *Trauma, Violence, & Abuse, 1*, 250–263. doi: 10.1177/1524838000001003003.
- McCuish, E., Lussier, P., Corrado, R. (2014). Examining antisocial behavioral antecedents of juvenile sexual offenders and juvenile non-sexual offenders. *Sexual abuse: A journal of research and treatment. 1(25)*, doi: 10.1177/1079063213517268.
- Miner, M., Borduin, C., Prescott, D., Bovensmann, H., Schepker, R., Du Bois, R., Schladale, J., Eher, R., Schmeck, K., Langfedt, T., Smit, A. & Friedeman, P.

- (2006). Standards of care for juvenile sexual offenders of the International Association for the Treatment of Sexual Offenders. *Sexual Offender Treatment*, 1, 1-7.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências juvenis: trajetórias, intervenções e prevenção*. Lisboa: Editorial Notícias
- Pechorro, P. (2011). Delinquência juvenil: estudo de algumas variáveis psicológicas e relacionais com ênfase nos traços psicopáticos. Tese de doutoramento (não publicada). Faculdade de Medicina. Lisboa, Portugal.
- Righthand, S., & Welch, C. (2004). Youth who sexually offend: theoretical issues. *Journal of Child Sexual Abuse*, 13-32, doi: 10.1300/J070v13n03\_02.
- Ronis, S. T., & Borduin, C. M. (2007). Individual, family, peer, and academic characteristics of male juvenile sexual offenders. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 35, 153-163. doi: 10.1007/s10802-006-9058-3.
- Seto, M. C., & Lalumiere, M. L. (2010). What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 136(4), 526–575. doi: 10.1037/a0019700.
- Silva, T., Woodhams, J., Harkins, L. (2013). Heterogeneity within multiple perpetrator rapes: A national comparison of lone, duo, and 3+ perpetrator rapes. *Sexual abuse: A journal of research and treatment*. 20(10), 1-20. doi: 10.1177/1079063213497805.
- Van Wijk, A., Van Horn, J., Bullens, R., Bijleveld, C., & Doreleijers, T. (2005). Juvenile sex offender: a group on its own? *International journal of offender therapy and comparative criminology*. 49(1), 25-36. doi: 10.1177/0306624X04270788.

Ward, T. & Beech, A. (2006). An integrated theory of sexual offending. *Aggression and violent behavior*, 11(1), 44-63. doi: 10.1016/j.avb.2005.05.002.

## **PARTE II**

### **ARTIGO EMPÍRICO**

Jovens agressores sexuais:  
diferenças entre jovens agressores individuais e agressores em grupo

Pauliana Magalhães

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia, UTAD.

Tese apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro Universidade para cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, realizada sob a orientação científica do Doutor Ricardo Barroso.

A correspondência referente a este artigo deve ser enviada para:

lianamagalhaes@live.com.pt

Vila Real, janeiro de 2015

## Resumo

Os crimes sexuais cometidos por adolescentes representam um grave problema na sociedade e têm atraído a atenção dos serviços de saúde e forenses em muitos países. Os jovens que se envolvem em comportamento de agressão sexual representam uma população clínica heterogênea que difere em várias dimensões. Concretamente, os resultados destes estudos podem ajudar a explicar a razão pela qual um jovem comete especificamente um crime sexual sozinho ou opta por o fazer em grupo. O objetivo do presente estudo é o de explorar e comparar as características e especificidades dos dois subtipos de jovens agressores sexuais (JAS): (1) jovens que atuam sozinhos (JAS- I - Individuais) e (2) jovens que agem com outra (s) pessoa (s) (JAS-G - Grupo). Tendo em conta o objetivo do estudo, depois do processo seletivo dos participantes, a amostra total foi composta por 100 jovens agressores sexuais (60 JAS-I e 40 JAS-G) institucionalizados em Centros Educativos de âmbito nacional, tutelado pelo Ministério da Justiça português. A comparação entre estes dois grupos de JAS centrou-se em seis variáveis: vinculação, comportamento agressivo, experiências sexuais, envolvimento com gangs, características do contexto social e qualidade do grupo de pares. Os resultados evidenciaram diferenças entre esses dois subtipos de JAS no que se relaciona com a vinculação (JAS-G apresentam com maior frequência uma vinculação ambivalente), envolvimento com gangs (mais envolvimento com gangs no grupo JAS-G) e características do contexto sociais (JAS-G com o contexto social mais problemático). Os resultados obtidos permitem refletir sobre a necessidade de ajustar as práticas de avaliação de jovens agressores sexuais, bem como a adaptação e ajustamento das práticas clínicas interventivas com esta população.

Palavras-chave: jovens agressores sexuais, agressores sexuais individuais, agressores sexuais em grupo, delinquência juvenil.

## Abstract

Sexual crimes committed by adolescents represent a serious problem in society and have attracted the attention of forensic and mental health services in many countries. These juveniles who engage in sexual offending behavior represent a heterogeneous clinical population that differs on several dimensions. Concretely, results from these studies could help explain the reason why a juvenile specifically commits sexual crimes solo rather than in group. The purpose of the present study is to explore and compare the characteristics and specificities of two subtypes of juvenile sex offenders (JSO): (1) juvenile sexual offenders who act alone (JSO-Solo) and (2) juvenile sexual offenders who act with another(s) person(s) (JSO-Group). Given the aims of the study presented here, after a selective process participants were divided in the two indicated subgroups and the final sample was composed of 100 male adolescent sexual offenders: JSO-S (n= 60) and JSO-G (n= 40), recruited from inmates of the eight nation-wide juvenile detention centers managed by the Portuguese Ministry of Justice. The comparison between these two subtypes of JSO focused on six variables: attachment, aggressive behavior, sexual cognitions, gang involvement, social context characteristics and peers group quality. This study has demonstrated some differences between these two JSO subtypes as it relates to attachment (JSO-G show more often an attachment ambivalent), gang involvement (more gang involvement in JSO-G group) and social context characteristics (JSO-G with more problematic social context). This study reflects about the need of adjust the evaluation practices of juvenile sexual offenders, as well as the adaptation and adjustment of clinical practices that are near of population.

Keywords: juvenile sexual offenders, solo juvenile sex offenders, group juvenile sex offenders, juvenile delinquency.

## **Jovens Agressores Sexuais: diferenças entre jovens agressores individuais e agressores em grupo**

Nos últimos anos várias investigações têm surgido com o objetivo de estudar as características e as especificidades dos jovens agressores sexuais. Embora os dados relativos a algumas características que descrevem estes jovens sejam muito preliminares, é notório o crescente interesse científico em estudar esta população, fornecendo dados importantes para a avaliação e prática clínica e forense.

Os resultados das investigações científicas têm evidenciado que os jovens que se envolvem em comportamentos de agressão sexual representam uma população clínica heterogénea, apresentando características que os diferenciam de outro tipo de jovens agressores (Barroso, 2012; Chu & Thomas, 2010; Silva, Woodhams & Harkins, 2013; Van Wijk, Van Horn, Bullens, Bijleveld, Doreleijers, 2005). Desta forma, os JAS tendem a diferenciar-se de outros jovens agressores, apresentando maior défice de competências sociais, mais problemas de autorregulação e maior ativação sexual em relação a crianças ou a prática de sexo coercivo (Marshall & Barbaree, 1990). Por outro lado, estes jovens tendem a apresentar menos antecedentes criminais, menos comportamentos aditivos e menor relação com grupo de pares com comportamentos transgressivos (Seto & Lalumiere, 2010).

Quanto às práticas parentais, grande parte dos JAS descendem de famílias abusivas onde o controlo parental é efetuado através da coerção, intimidação e violência física e/ou sexual. Deste modo, não tendo estas crianças a oportunidade de adquirir competências de relacionamento interpessoal e íntimo, poderão desenvolver um padrão relacional baseado em comportamentos agressivos inapropriados, reforçados e modelados pelos pais (Marshall & Barbaree, 1990; Keelan & Fremouw, 2013).

Relativamente à forma como os JAS praticam o crime, podem fazê-lo de forma individual (JAS-I) ou em grupo (JAS-G), considerando-se neste último grupo as agressões praticadas por dois ou mais elementos. Embora esta temática suscite alguma curiosidade e interesse para a comunidade científica, ainda são escassos os estudos que comparam estes dois grupos de JAS, sendo necessário aprofundar mais o conhecimento neste domínio. Eventuais diferenças que se encontrem entre os JAS-I e os JAS-G podem ajudar a identificar as variáveis que parecem ter um papel específico na explicação do facto de alguns adolescentes cometerem agressões sexuais sozinhos e outros na companhia de mais jovens.

A existência de abuso sexual na infância e o cometimento de crime sexual na fase de adolescência, é considerada uma variável preditora da agressão sexual no futuro (Seto & Lulumiére, 2010). Quando se procura os seus efeitos diferenciando os grupos de jovens agressores as investigações referem que é nos JAS-I que se verifica uma maior prevalência de abuso sexual (Hooing, Jonkrt & Van Berlo, 2010).

Com o objetivo de estudar as características de personalidade que poderão diferenciar estes dois grupos, vários autores (Bijleveld & Hendriks, 2010; Hooing, Jonkrt & Van Berlo, 2010; Silva, Woodhams & Harkins, 2014) concluem que os JAS-I apresentam valores mais elevados a nível do neuroticismo e impulsividade, revelando valores mais baixos que os JAS-G relativamente à sociabilidade e relação com os outros. Estes autores acrescentam ainda que o crime de abuso sexual quando perpetrado de forma individual, tende a ser realizado por jovens mais velhos do que os crimes realizados em grupo e que, no que diz respeito ao número de vítimas do crime sexual, os JAS-I tendem a ter um maior número de vítimas. Acrescentam ainda que os abusos realizados em grupo tendem a ser mais violentos que os individuais (Gidycz & Koss, 1990, cit por Bijleveld & Hendriks, 2010). Já em relação à familiaridade/conhecimento

da vítima, os estudos revelam que os JAS-I, recorrem mais frequentemente a colegas de escola, vizinhos e irmãos, enquanto os JAS-G tendem a abusar de pessoas desconhecidas ou com um nível baixo de proximidade (Hooing, Jonkrt & Van Berlo, 2010). Por sua vez, Hart-Kerkhoffs, Vermeiren, Jansen e Doreleijers (2011) numa investigação mais específica com objetivo de estudar apenas os JAS-G, nomeadamente os líderes do grupo e os seus seguidores, concluiu que os líderes de grupo revelam mais problemas emocionais enquanto os seguidores desses líderes demonstram níveis mais elevados de problemas no domínio social ao nível relacional. Já que quando é possível reincidência do crime, os estudos demonstram que os JAS-I apresentam mais probabilidade de reincidir no crime de abuso sexual, sendo que a maior parte da amostra de JAS-I já era reincidente do crime desta natureza (Bijleveld & Hendriks, 2010).

### **Metodologia**

Na presente investigação recorreu-se a uma amostra de 100 sujeitos agressores, institucionalizados em centros educativos (CE) e estabelecimentos prisionais (EP) sob tutela do Ministério da Justiça, para cumprimento de medidas tutelares educativas. Uma vez que a maior parte dos crimes sexuais cometidos por adolescentes são realizados por elementos do sexo masculino (Barroso, 2012; Righthand & Welch, 2004; Steffensmeier, Zhong, Ackerman, Schwartz, & Agha, 2006), a amostra envolveu unicamente rapazes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, que responderam, individualmente, a um conjunto de instrumentos de avaliação psicológica que permitiram estudar as variáveis em estudo.

## **Objetivos**

O objetivo geral deste estudo empírico foi contribuir teórica e metodologicamente para a compreensão das características e especificidades de jovens agressores sexuais (JAS) no que respeita ao modo como a agressão sexual foi perpetrada, podendo esta ter sido de forma individual (JAS-I) ou em grupo (JAS-G). Neste sentido, operacionalizaram-se os seguintes objetivos específicos:

- Comparar JAS-I e JAS-G em relação a variáveis criminais (idade do agressor, número de vítimas, relação vítima/ agressor);
- Comparar os JAS-I e os JAS-G em relação ao estilo de vinculação;
- Comparar os JAS-I e os JAS-G em relação ao comportamento agressivo;
- Comparar os JAS-I e os JAS-G em relação às experiências sexuais;
- Comparar os JAS e os JAS-G em relação à qualidade do grupo de pares e contexto comunitário.

## **Hipóteses de investigação**

Decorrente do objetivo geral - *investigar características e especificidades de jovens agressores sexuais (JAS) no que respeita ao modo como a agressão sexual foi perpetrada, podendo esta ter sido de forma individual (JAS-I) ou em grupo (JAS-G)* - colocou-se a seguinte hipótese de investigação: H1: Existem diferenças entre os jovens agressores sexuais que cometeram o crime sexual de forma individual (JAS-I) e os que o fizeram em grupo (JAS-G).

Decorrente do objetivo específico - *comparar JAS-I e JAS-G em relação a variáveis criminais (idade do agressor, número de vítimas, relação vítima/ agressor)* – colocou-se a seguinte hipótese: H2: Os JAS-I e os JAS-G diferenciam-se ao nível das

variáveis criminais, nomeadamente o número de vítimas do crime, relação entre vítima e agressor, idade do agressor e reincidência do crime.

Decorrente do objetivo específico - *Comparar os JAS-I e os JAS-G em relação ao estilo de vinculação*- colocou-se a seguinte hipótese: H3: Os JAS-I e os JAS-G apresentam características diferentes na dimensão da vinculação.

Decorrente do objetivo específico - *Comparar os JAS-I e os JAS-G em relação ao comportamento agressivo* – colocou-se a seguinte hipótese: H4: Os JAS-I e os JAS-G apresentam características diferentes ao nível do comportamento agressivo.

Decorrente do objetivo específico - *Comparar os JAS-I e os JAS-G em relação as experiências sexuais* – colocou-se a seguinte hipótese: H5: Os JAS-I e os JAS-G apresentam características diferentes ao nível das suas experiências sexuais.

Por último, decorrente do objetivo específico - *Comparar os JAS e os JAS-G em relação à qualidade do grupo de pares e contexto comunitário*. – colocou-se a seguinte hipótese: H6: Os JAS-I e os JAS-G apresentam diferentes características ao nível da qualidade do grupo de pares, pertença a gangs e contexto comunitário em que se encontram inseridos.

Neste sentido, se estes grupos forem divergentes nas suas características, os resultados obtidos indicarão quais as variáveis que parecem distinguir um grupo do outro. Em contrapartida, se as cotações das variáveis em estudo forem semelhantes, significa que estes dois grupos de JAS não se diferenciam nestas dimensões.

## Caracterização da amostra

Nesta investigação, embora seja possível definir a população em análise, não é correto usar esta amostra como representativa de toda a população de JAS no contexto português. No entanto, podemos referir que se trata da população total de rapazes agressores sexuais que se encontravam em instituições do Ministério da Justiça português no período temporal definido (outubro de 2010 a outubro de 2011), a cumprir medidas tutelares educativas.

Para a realização desta investigação foi estudada uma amostra recolhida nos CE e EP Portugueses, constituída por 100 sujeitos do sexo masculino que cometeram crimes de natureza sexual numa idade compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade ( $M=14.8$ ;  $DP=1.6$ ).<sup>1</sup>

Quanto à amostra recolhida importa referir que, relativamente ao estatuto socioeconómico, 47 jovens possuíam um estatuto médio (56%), 31 faziam parte de um estatuto socioeconómico médio-baixo (36.9%) e 6 jovens possuíam um nível baixo (7.1%). Quanto ao país de origem destes jovens, 52.8% ( $n=28$ ) eram naturais de Portugal, enquanto 47.2% ( $n=25$ ) provinham de outros países de língua oficial portuguesa, nomeadamente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Brasil, S. Tomé e Príncipe e Moçambique. Relativamente ao crime perpetrado, 58% ( $n=58$ ) destes jovens cometeram abuso sexual de crianças, 39% ( $n=39$ ) crime de violação e 3% ( $n=3$ ) crime de coação e importunação sexual. Por sua vez, no que diz respeito às vítimas, importa referir que a sua idade variou entre os 3 e os 83 anos ( $M=14.2$ ;  $DP=12.8$ ), sendo que a maioria dos crimes ( $n=70$ ) (72.9%) foi cometido contra vítimas de sexo feminino. Ainda quanto às vítimas, é pertinente salientar que 73 jovens (73%) contabilizaram

---

<sup>1</sup> O número das observações pode variar em função das análises tendo em conta que em alguns processos individuais faltavam informações sociodemográficas.

apenas uma vítima, enquanto os restantes 27 jovens (27%) cometeram o crime sexual contra duas ou mais vítimas.

Tendo em conta os objetivos desta investigação, após o processo seletivo dos participantes, estes foram divididos em dois subgrupos que correspondem à forma como perpetraram o crime sexual, podendo este ter sido cometido de forma individual (JAS-I) ( $n=60$ ) ou em grupo (JAS-G) ( $n=40$ ).

### **Procedimentos e critérios de seleção**

Para recolher os dados junto dos jovens com as características desejadas, foi solicitado o apoio junto da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). Após a autorização escrita desta entidade, procedeu-se à recolha dos dados nos CE e nos EP. Posteriormente, em cada instituição, realizou-se uma reunião com o/a diretor/a da respetiva instituição que nos permitiu explicar pessoalmente o objetivo do estudo, a amostra pretendida, os critérios de seleção dos participantes e agendar datas/horas mais pertinente para a recolha de dados de cada jovem, não influenciando as atividades formativas em que se encontravam inseridos. Após esta reunião, recolheram-se os dados necessários para esta investigação, sendo que a recolha de dados teve duas fases. Em primeiro lugar, com base numa grelha de recolha de dados processuais (Barroso, 2012), recolheram-se as informações que constavam no processo individual de cada sujeito, nomeadamente dados ao nível sociodemográfico, familiar, escolar, social, médico, entre outros. Posteriormente, numa segunda fase, foram explicados ao jovem os objetivos do estudo, a garantia de confidencialidade de todos os dados recolhidos e as instruções dos vários instrumentos de autorrelato. O tempo aproximado de preenchimento dos instrumentos foi em média cerca de 15-20 minutos, sendo importante referir que alguns

destes jovens apresentavam dificuldades de leitura/interpretação, havendo a necessidade de lhes serem lidas as questões pelo investigador.

No que diz respeito aos critérios de seleção da amostra, apenas foram incluídos sujeitos de sexo masculino, uma vez que as investigações demonstram que a grande percentagem de crimes sexuais é cometido por elementos do sexo masculino (Steffensmeier, Zhong, Ackeran, Schwartz, & Agha, 2006). A idade em que o jovem cometeu o crime sexual foi um critério de inclusão, uma vez que só se consideraram para esta amostra os sujeitos que praticaram este tipo de crime entre os 12 e os 18 anos de idade. Os jovens que apresentavam algum tipo de perturbação psicológica foram excluídos desta amostra, devido à possibilidade de existir eventual comprometimento dos resultados obtidos.

Tendo em conta que o número de sujeitos que se encontravam nos CE e EP a preencher estes critérios de seleção era relativamente pequeno, o que poderia condicionar algumas conclusões deste estudo, recorreu-se à base de dados do projeto de investigação mais amplo “*Características e especificidades de jovens agressores sexuais*” (Barroso, 2012), conseguindo obter um maior número de JAS para a amostra, o que nos permitiu tirar conclusões mais sólidas acerca dos resultados obtidos.

Estes dados foram, posteriormente, submetidos a diversas análises estatísticas com recurso ao software estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*, versão 20.0). Numa primeira fase, foi analisada a consistência interna das escalas, através do estudo do resultado do alfa de Cronbach, e a homogeneidade das variâncias. As diferenças entre JAS-I e JAS-G foram analisadas através de testes paramétricos, recorrendo a testes MANOVA para as variáveis contínuas e a testes não paramétricos, recorrendo a testes de *Qui-Quadrado* ( $X^2$ ) para as variáveis categóricas. O nível de

significância foi estabelecido no valor de .05 e foi ainda realizada a análise post-hoc (correção de Bonferroni e resíduos estandardizados).

## **Instrumentos**

Tendo em conta os objetivos deste estudo foram selecionados um conjunto de instrumentos com qualidades psicométricas satisfatórias e adaptados para a população portuguesa, sendo eles: a Grelha de recolha de dados processuais – agressor (Barroso, 2012), o Questionário de Agressão (QA; Buss & Perry, 1992; adaptado por Vieira & Soeiro, 2002), a Escala de Fantasias Sexuais de Wilson (EFS-W; Wilson, 1988; adaptada por Barroso, Manita & Nobre, 2010), e o Inventário de Auto e Hetero-Avaliação da Vinculação na Infância e Adolescência (IVIA; Carvalho, 2007). Relativamente aos valores de consistência interna destes instrumentos, importa referir que se obtiveram valores do coeficiente de Cronbach acima de .70, sendo por isso considerado adequado e satisfatório (Maroco, 2003). Descrevem-se de seguida os instrumentos utilizados nesta investigação.

### **Grelha de recolha de dados processuais (Barroso, 2012).**

A grelha de recolha de dados processuais do agressor trata-se de um documento preenchido pelo investigador aquando da análise dos dados processuais de cada jovem, registando informações sociodemográficas, familiares, desenvolvimentais, sexuais, sociais, comunitárias, jurídicas, entre outras. Através da utilização deste instrumento, foi possível recolher informação para este estudo quanto às variáveis: número de vítimas do crime sexual, relação entre agressor e vítima, idade do agressor, reincidência do crime, à qualidade do grupo de pares, pertença a gangs e avaliação do contexto comunitário.

**QA - Questionário de Agressão (Buss & Perry, 1992; adaptado por Vieira & Soeiro, 2002).**

Trata-se de um instrumento de autorrelato composto por 29 itens, numa escala de tipo *Likert* que oscila entre 1 (*Nunca* ou *quase nunca*) e 5 (*Sempre* ou *quase sempre*). Apoiado em quatro fatores, este instrumento permitiu avaliar o comportamento agressivo na componente instrumental, emocional e cognitiva. Quanto à componente instrumental, permitiu avaliar a agressão física (e.g., “*De vez em quando não consigo controlar a necessidade de bater noutra pessoa*”) e a agressão verbal (e.g., “*Quando as pessoas me aborrecem chego a dizer-lhes o que penso delas*”). A componente emocional diz respeito à subescala da raiva (e.g., “*Às vezes perco o controlo sem razão em especial*”) e a componente cognitiva refere-se à hostilidade (e.g., “*De vez em quando tenho muita inveja dos outros*”). Os autores da versão original deste instrumento referiram que este possui valores de fidelidade entre .72 e .85. Nesta investigação, estes indicadores oscilaram entre os .80 e .87.

**EFS-W - Escala de Fantasias Sexuais de Wilson (Wilson, 1988; adaptada por Barroso, Manita & Nobre, 2010).**

Esta escala é composta por 40 exemplos de fantasias sexuais numa escala de tipo *Likert* que oscila entre 1 (*Nunca*) e 4 (*Muitas vezes*). Este instrumento permitiu verificar o quão presente está este tipo de fantasias sexuais no indivíduo. Desta forma, as fantasias sexuais agrupam-se em quatro categorias, sendo elas: exploratórias (e.g., “*Participação numa orgia*”), íntimas (e.g., “*Ter relações sexuais com pessoas que goste/ame*”), impessoais (e.g., “*Ter relações sexuais com uma pessoa que nunca vi*”) e sadomasoquistas (e.g., “*Obrigar alguém a fazer alguma coisa*”). As fantasias sexuais exploratórias dizem respeito à tendência para explorar uma variedade sexual, revelando um forte impulso sexual. As fantasias sexuais íntimas estão relacionadas com a procura

de um compromisso com um número circunscrito de parceiros sexuais. Por sua vez, nas fantasias sexuais impessoais, existe alusão a fetiches não havendo expressão sentimental com o parceiro. Por último, as fantasias sadomasoquistas traduzem interesse em receber ou provocar dor durante o processo de excitação sexual. Relativamente à consistência interna da escala, o autor da versão original indicou valores entre .66 e .79. Nesta investigação, os valores variam entre os .70 e .86.

#### **IVIA - Inventário de Auto e Hetero-Avaliação da Vinculação na Infância e Adolescência (Carvalho, 2007).**

Trata-se de um instrumento de autorrelato composto por 64 itens numa escala de tipo *Likert* variando entre 1 (*Nunca*) e 5 (*Sempre*) que permitiu avaliar comportamentos e representações da vinculação em diferentes categorias, podendo esta ser caracterizada como: segura, quando existe proximidade afetiva do seu cuidador e, em situações de stress procuram ativamente a proximidade e reconforto nestas interações afetivas (Carvalho, 2007) (e.g., “*Gosto de me sentir próximo das outras pessoas*”); ansiosa/ambivalente, quando a ligação a figuras afetivas se caracteriza por uma fraca exploração e um maior stress durante a separação (Carvalho, 2007) (e.g., “*Preocupo-me com a possibilidade de ser abandonado*”); e evitante, quando existe uma fraca partilha afetiva com o cuidador, evitando-o ativamente (Carvalho, 2007) (e.g., “*Preocupo-me se tiver de depender de outras pessoas*”). A autora deste inventário referiu valores de consistência interna entre .71 e .83. Nesta investigação, estes indicadores oscilam entre .73 e .87.

## Resultados

Relativamente aos resultados obtidos, importa salientar que apesar da amostra deste estudo ser composta por 100 jovens agressores sexuais, nem sempre se obteve esse número nas observações estatísticas, sendo que, em alguns dos sujeitos existiu recusa em responder a alguns instrumentos/itens ou escassez de informação nos processos dos CE e EP. Manteve-se, contudo, um número relevante de sujeitos em todas as análises, passando-se de seguida a apresentar os resultados obtidos. A primeira análise comparativa procurou averiguar se existiam diferenças entre os JAS-I e os JAS-G quanto ao número total de vítimas, podendo os resultados ser consultados na Tabela 1 a seguir exposta.

Tabela 1: Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente ao número total de vítimas.

	<b>JAS-I</b> ( <i>n</i> =60)	<b>JAS-G</b> ( <i>n</i> =40)	$X^2$
Uma vítima	41 (69.5%)	32 (82.4%)	4.788
Duas ou mais vítimas	19 (30.5%)	8 (17.6%)	$p = .310$

Nota: Valor  $p$  obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided);  $X^2$  = Qui-quadrado.

No que diz respeito à comparação dos resultados entre os JAS-I e os JAS-G na dimensão do número de vítimas do crime sexual (tabela 1) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas [ $X^2$  (4,  $n=100$ ) = 4.788,  $p > .05$ ]. Deste modo os dois grupos não parecem diferenciar-se nesta dimensão. Seguidamente foram analisados os dados relativos à relação entre o agressor e a vítima, cujos resultados são os descritos na Tabela 2.

Tabela 2: Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à relação entre agressor e vítima.

	<b>JAS-I</b> ( <i>n</i> =58)	<b>JAS-G</b> ( <i>n</i> =36)	<b>X<sup>2</sup></b>
Desconhecidos	8 (13.3%)	10 (25.6%)	29.325
Colegas de escola	10 (16.7%)	19 (48.7%)	<i>p</i> = <b>.000*</b>
Vizinhos	14 (23.3%)	5 (18.2%)	
Colegas da instituição de acolhimento	8 (13.3%)	1 (2.5%)	
Irmãos	10 (16.7%)	0 (0%)	
Primos	8 (13.3%)	1 (2.5%)	

Nota: \**p*<.05; Valor *p* obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); X<sup>2</sup> = Qui-quadrado.

Através da análise da tabela 2, foi possível verificar que na variável relativa à relação entre o agressor e a vítima foram encontradas associações estatisticamente significativas [ $X^2(8, n=100) = 29.325, p < .05$ ]. Recorrendo às análises post-hoc através dos resíduos estandardizados, observou-se que essas diferenças se fazem sentir com os JAS-I a dirigir as agressões sexuais a elementos que tem uma grande proximidade (e.g., vizinhos, colegas da instituição de acolhimento, irmãos e primos) enquanto os JAS-G tendem a direcionar as agressões sexuais a elementos com quem tenham pouca proximidade (e.g., desconhecidos, colegas de escola). A análise seguinte teve em vista a idade com que os JAS-I e os JAS-G cometiam o crime.

Tabela 3: Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à idade do agressor.

	<b>JAS-I</b> ( <i>n</i> =60)	<b>JAS-G</b> ( <i>n</i> =39)	<b>X<sup>2</sup></b>
12 Anos	6 (10%)	3 (7.5%)	5.229
13 Anos	9 (15%)	6 (15%)	<i>p</i> = .515
14 Anos	13 (21.7%)	9 (22.5%)	
15 Anos	13 (21.7%)	7 (17.5%)	
16 Anos	6 (10%)	8 (20%)	
17 Anos	12 (20%)	4 (10%)	
18 Anos	3 (5%)	2 (5%)	

Nota: Valor *p* obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); X<sup>2</sup> = Qui-quadrado.

Como se pode observar na tabela 3, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos na análise comparativa entre JAS-I e JAS-G em relação à idade do agressor aquando o cometimento do crime [ $X^2 (6, n=100) = 5.229, p > .05$ ]. Desta forma, neste estudo, não existiram diferenças entre estes dos grupos no que se refere à sua idade. A próxima análise visou comparar os grupos quanto à reincidência no crime sexual.

Tabela 4: Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à reincidência do crime.

	<b>JAS-I</b> ( <i>n</i> =60)	<b>JAS-G</b> ( <i>n</i> =39)	<b>X<sup>2</sup></b>
Um crime	33 (55%)	32 (82.1%)	9.014
Dois ou mais crimes	27 (45%)	7 (17.9%)	<i>p</i> = .172

Nota: Valor *p* obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); X<sup>2</sup> = Qui-quadrado.

Relativamente à análise da tabela 4, apesar de se constatar que os JAS-I apresentaram, nesta amostra, maior número de reincidência de crimes perpetrados, quando comparados com os JAS-G, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos quanto à comparação entre JAS-I e os JAS-G [ $X^2(6, n=99) = 9.014, p > .05$ ]. A análise seguinte teve como objetivo comparar os grupos em relação ao comportamento agressivo.

Tabela 5: Resultados obtidos com a MANOVA aplicado sobre os dois grupos relativamente à agressão.

	<b>JAS-I</b> ( <i>n</i> =14) M (DP)	<b>JAS-G</b> ( <i>n</i> =10) M (DP)	<b><i>F</i></b>	<b><i>p</i></b>	<b><math>\eta_p^2</math></b>
QA Agressão física	21.2 (7.4)	22.2 (9.5)	.082	.777	.004
QA Agressão verbal	12.1 (3.3)	14.5 (5.8)	1.627	.215	.069
QA Raiva	18.4 (5.0)	17.7 (6.2)	.215	.648	.010
QA Hostilidade	23.4 (7.3)	20.7 (6.2)	.921	.348	.040

A tabela 5 permite observar que não se verificaram diferenças significativas entre os grupos em relação à presença de agressão física [ $F(4, 24) = .082, p > .05, \eta_p^2 = .004$ ], de agressão verbal [ $F(4, 24) = 1.627, p > .05, \eta_p^2 = .069$ ], da emoção raiva [ $F(4, 24) = .082, p > .05, \eta_p^2 = .040$ ] e da emoção hostilidade [ $F(4, 24) = .082, p > .05, \eta_p^2 = .040$ ]. A análise seguinte visou comparar os grupos em relação às fantasias sexuais.

Tabela 6: Resultados obtidos com a MANOVA aplicado sobre os dois grupos relativamente às fantasias sexuais.

	<b>JAS-I</b> (n=13) M (DP)	<b>JAS-G</b> (n=11) M (DP)	<b>F</b>	<b>p</b>	<b><math>\eta_p^2</math></b>
EFS Fantasias Exploratórias	4.9 (5.1)	7.4 (5.5)	1.264	.273	.054
EFS Fantasias Íntimas	10.0 (5.1)	10.1 (6.2)	.002	.969	.000
EFS Fantasias Impessoais	4.2 (3.5)	4.7 (3.6)	.153	.700	.007
EFS Fantasias Sadomasoquistas	2.9 (3.5)	3.0 (4.9)	.008	.930	.000

Relativamente aos dados apresentados na tabela 6 estes mostraram que não existiram diferenças significativas entre os grupos em relação à presença de fantasias exploratórias [F(4, 24)= 1.264,  $p>.05$ ,  $\eta_p^2=.054$ ], fantasias íntimas [F(4, 24)= .002,  $p>.05$ ,  $\eta_p^2=.000$ ], fantasias impessoais [F(4, 24)= .153,  $p>.05$ ,  $\eta_p^2=.007$ ] e fantasias sadomasoquistas [F(4, 24)= .008,  $p>.05$ ,  $\eta_p^2=.000$ ]. Na próxima análise procurou-se averiguar se existiam diferenças entre os JAS-I e os JAS-G relativamente à vinculação.

Tabela 7: Resultados obtidos com a MANOVA aplicado sobre os dois grupos relativamente à vinculação.

	<b>JAS-I</b> (n=12) M (DP)	<b>JAS-G</b> (n=6) M (DP)	<b>F</b>	<b>p</b>	<b><math>\eta_p^2</math></b>
IVIA Vinculação Segura	39.5 (8.2)	40.3 (11.2)	.026	.873	.002
IVIA Vinculação Ambivalente	37.5 (10.5)	27.1 (8.6)	4.385	<b>.053*</b>	.214
IVIA Vinculação Evitante	24.8 (6.0)	23.5 (6.7)	.160	.694	.010

\*  $p<.05$ .

Através da análise da tabela 7, não se verificou qualquer diferença significativa entre os grupos em relação à presença de uma vinculação segura [ $F(3, 18) = .026, p > .05, \eta^2 = .002$ ] e de uma vinculação evitante [ $F(3, 24) = .160, p > .05, \eta^2 = .010$ ]. No entanto, registou-se a ocorrência de diferenças significativas entre os grupos em relação à vinculação ambivalente [ $F(3, 24) = 4.385, p < .05, \eta^2 = .214$ ]. Em relação ao tipo de vinculação ambivalente, os JAS-G revelaram maior probabilidade de possuir uma vinculação do tipo ambivalente do que os JAS-I. A próxima análise comparativa procurou averiguar se existiram diferenças entre os dois grupos em estudo em relação à qualidade do grupo de pares.

Tabela 8: Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à qualidade do grupo de pares.

	<b>JAS-I</b> ( <i>n</i> =52)	<b>JAS-G</b> ( <i>n</i> =38)	<b><math>X^2</math></b>
Acompanha pares normativos	22 (42.3%)	9 (23.7%)	3.372
Acompanha pares problemáticos	30 (57.7%)	29 (76.3%)	<i>p</i> = .066

Nota: Valor *p* obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided);  $X^2$  = Qui-quadrado.

Os resultados patentes na tabela 8 permitiram verificar que grande parte dos jovens agressores sexuais acompanhava pares problemáticos aquando do período em que cometeram o crime. Na comparação entre JAS-I e JAS-G não se verificaram resultados estatisticamente significativos [ $X^2 (1, n=90) = 3.372, p > .05$ ] relativamente à qualidade do grupo de pares.

Tabela 9: Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à pertença a gangs.

	<b>JAS-I</b> (n=56)	<b>JAS-G</b> (n=37)	<b>X<sup>2</sup></b>
Sim	4 (7.1%)	10 (27%)	6.889
Não	52 (92.9%)	27 (73%)	<i>p</i> = <b>.009*</b>
<i>N</i>	56 (100%)	37(100%)	

Nota: \**p*<.05; Valor *p* obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); X<sup>2</sup> = Qui-quadrado.

A análise da tabela 9 permitiu concluir que na variável relativa à pertença a gangs foram encontradas associações estatisticamente significativas [ $X^2$  (1, *n*=93)= 6.889, *p*<.05]. Através da análise diferencial dos grupos com o uso dos resíduos estandardizados verificou-se que os JAS-G têm maior probabilidade de pertencer a gangs. A última análise visou comparar os dois grupos quanto à avaliação do contexto comunitário em que se encontravam inseridos.

Tabela 10: Resultados do teste Qui-quadrado aplicado sobre os dois grupos relativamente à avaliação do contexto comunitário.

	<b>JAS-I</b> (n=53)	<b>JAS-G</b> (n=36)	<b>X<sup>2</sup></b>
Conotado com marginalidade, toxicodpendência e delinquência	18 (34%)	21 (58.3%)	5.172
Sem conotações problemáticas	35 (66%)	15 (41.7%)	<i>p</i> = <b>.023</b>

Nota: \* *p*<.05; Valor *p* obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); X<sup>2</sup> = Qui-quadrado.

Por último, através da análise da tabela 10 foi possível concluir que na variável relativa à avaliação do contexto comunitário foram encontradas associações estatisticamente significativas [ $X^2$  (1, *n*=89)= 5.172, *p*<.05]. Recorrendo à análise dos resíduos estandardizados, para observar de que forma essas diferenças se fazem sentir,

verificou-se que os JAS-G tendiam a residir num contexto comunitário conotado com uma alta percentagem de marginalidade, toxicodependência e delinquência juvenil.

### **Discussão de resultados**

Este estudo assumiu como principal objetivo contribuir teórica e metodologicamente para a compreensão das características e especificidades de JAS no que respeita ao modo como a agressão sexual foi perpetrada, estudando concretamente as diferenças entre JAS-I e JAS-G.

Embora se tivesse evidenciado características que diferissem os jovens agressores sexuais de outro tipo de agressores (Barroso, 2012; Chu & Thomas, 2010; Van Wijk, Van Horn, Bullens, Bijleveld, Doreleijers, 2005), poucos estudos foram realizados para investigar possíveis diferenças entre os JAS-I e os JAS-G ao nível de características mais generalistas (e.g., número de vítimas, relação entre agressor e vítima, idade do agressor, reincidência no crime). Segundo foi possível apurar através da nossa análise de literatura, não existiam estudos no contexto nacional que comparassem estes dois grupos nas dimensões de vinculação, comportamento agressivo, experiências sexuais e influência/qualidade do grupo de pares. Deste modo, tornou-se de total pertinência fazê-lo.

Os dados do presente estudo foram consistentes com a literatura analisada, que tem vindo a afirmar a existência de variáveis que diferenciam os JAS-I dos JAS-G (Hooing, Jonkrt & Van Berlo, 2010; Bijleveld & Hendriks, 2010; Hooing, Jonkrt & Van Berlo, 2010; Silva, Woodhams & Harkins, 2014; Hart-Kerkhoffs, Vermeiren, Jansen & Doreleijer, 2011), confirmando a hipótese de que *existem diferenças entre os jovens agressores sexuais que cometeram o crime sexual de forma individual e os que o fizeram em grupo.*

Relativamente à idade do agressor as investigações de Bijleveld e Hendriks, (2010), Hooing, Jonkrt e Van Berlo (2010), Silva, Woodhams e Harkins (2014) concluíram que o crime de abuso sexual, quando perpetrado de forma individual, tende a ser realizado por jovens mais velhos do que os crimes realizados em grupo e a apresentar mais que uma vítima no crime, no entanto nesta investigação não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de JAS que tivessem permitido confirmar os estudos analisados. Por outro lado, relativamente à familiaridade/conhecimento da vítima, os estudos revelaram que os JAS-I, tendiam a recorrer mais frequentemente a pessoas próximas, enquanto os JAS-G recorreram a pessoas desconhecidas ou com um nível baixo de proximidade (Hooing, Jonkrt & Berlo, 2010). Nesta investigação foram encontrados dados que corroboram com a literatura analisada, sendo que os resultados permitiram constatar que os JAS-I tinham como vítimas vizinhos, irmãos, primos e colegas da instituição de acolhimento enquanto os JAS-G tinham, maioritariamente, como vítimas pessoas desconhecidas ou com um baixo nível de proximidade. Quanto à reincidência do crime, os estudos demonstraram que os JAS-I apresentaram mais probabilidade de reincidir no crime de abuso sexual, sendo que a maior parte da amostra de JAS-I já era reincidente do crime desta natureza (Bijleveld & Hendriks, 2010). Os dados desta investigação quanto à variável de reincidência demonstraram que, embora a diferença entre os grupos não fosse significativa, os JAS-I já tinham cometido dois ou mais crimes sexuais, enquanto a maioria dos JAS-G não era reincidente no crime sexual. Confirma-se portanto a hipótese de que *os JAS-I e os JAS-G se diferenciam ao nível das variáveis criminais, nomeadamente o número de vítimas, relação entre vítima e agressor, idade do agressor e reincidência do crime.*

Relativamente à comparação dos dois grupos na dimensão de vinculação, confirmou-se a hipótese de que *os JAS-I e os JAS-G apresentam características diferentes na dimensão da vinculação*, sendo que os JAS-G revelaram maior probabilidade de possuir uma vinculação do tipo ambivalente do que os JAS-I. Segundo Seto e Lalumiere (2010) quando a criança não desenvolve uma vinculação segura na relação com os seus cuidadores, as possíveis dificuldades na relação interpessoal poderão impedir relacionamentos positivos com o grupo de pares e, assim, aumentar a possibilidade de o jovem se envolver em contactos sexuais coercivos com pares, adultos ou crianças mais novas. Enquanto na relação com o outro, os jovens com uma vinculação segura procuram desenvolver relações simétricas ao nível da autoridade, os jovens com uma vinculação ambivalente exageram no comportamento de vinculação com o outro, querendo garantir a atenção da figura de vínculo, apresentando índices de problemas da externalização muito perto de atingir o limiar de comportamentos problemáticos e desenvolvendo relações assimétricas. Este comportamento dos jovens com uma vinculação ambivalente poderá traduzir-se em dificuldades interpessoais e com mais sintomatologia psicopatológica, quando comparados com os adolescentes com um padrão de vinculação seguro e evitante (Carvalho, 2007).

Por sua vez, quanto à comparação dos dois grupos na dimensão do comportamento agressivo, não se confirmou a hipótese de que *os JAS-I e os JAS-G apresentam características diferentes ao nível do comportamento agressivo*. Desta forma, estes dois grupos pareceram não se distinguir nas dimensões de agressão física, agressão verbal, hostilidade e raiva, apresentando valores semelhantes nestas dimensões.

Relativamente às experiências sexuais, quando comparados os dois grupos, não se confirmou a hipótese de que *os JAS-I e os JAS-G apresentam características*

*diferentes ao nível das suas experiências sexuais.* Assim sendo, os dois grupos de JAS pareceram ter semelhanças ao nível das fantasias exploratórias, íntimas, impessoais e sadomasoquistas.

Por último, decorrente do objetivo específico que pretendeu comparar os JAS-I e os JAS-G na qualidade do grupo de pares, pertença a gangs e qualidade do contexto comunitário, confirmou-se a hipótese de que *os JAS-I e os JAS-G apresentam diferentes características ao nível da qualidade do grupo de pares, pertença a gangs e contexto comunitário em que se encontram inseridos.* Neste sentido, os JAS-I e os JAS-G apresentaram características que os diferem ao nível da pertença a gangs e do contexto comunitário, não se diferenciando na qualidade do grupo de pares. Especificamente, este estudo demonstrou que os JAS-G se encontravam mais envolvidos em gangs e que pertenciam a um contexto social mais problemático, conotado com práticas transgressivas (marginalidade, toxicodependência, delinquência juvenil), quando comparados com os JAS-I. Desta forma, a pertença a gangs e o contexto comunitário em que o jovem se encontra inserido parece ter influência para o desenvolvimento deste tipo de comportamentos. Assim sendo, tal como afirmou Tomé (2011), os jovens que acompanham pares problemáticos e se encontram inseridos em meios problemáticos, tendem a revelar mais rapidamente comportamentos desadequados, enquanto os que têm pares com comportamentos adequados para a sua idade surgem com maior impacto no menor envolvimento em comportamentos de violência. Posto isto, torna-se ainda pertinente ressaltar que os JAS-G revelaram uma vinculação ambivalente aos cuidadores e, paralelamente, maior vinculação a grupo de pares desajustados.

Os resultados deste estudo sugerem dados importantes para o processo de avaliação e intervenção clínica e forense, bem como para a prevenção de comportamentos de agressão sexual juvenil. Com base nestes resultados, é possível

constatar a urgência de desenvolvimento de programas específicos de reabilitação, articuladas com os CE e os EP portugueses. Tendo em conta algumas das diferenças estatisticamente significativas encontradas neste estudo, nomeadamente ao nível da vinculação, pertença a gangs e caracterização do contexto comunitário em que os jovens se encontram inseridos, recomenda-se tratamento clínico e forense diferenciado para estes dois tipos de JAS.

Quanto às limitações deste estudo importa referir que o facto da dimensão da amostra ser reduzida em algumas análises pode ter impossibilitado detetar diferenças entre os dois grupos em estudo. Desta forma, será necessário desenvolver pesquisas com amostras maiores e estudar outras dimensões, de forma a tirar conclusões mais consistentes acerca das características que poderão distinguir estes dois grupos, nomeadamente o estudo de características psicológicas, sociais e de personalidade, bem como a análise de variáveis preditores, moderadores e mediadoras deste tipo de comportamento.

### Referências Bibliográficas

- Barroso, R. (2012). *Características e especificidades de jovens agressores sexuais*. Tese de doutoramento (não publicada). Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Bijleveld, C., & Hendriks, J. (2010). Juvenile sex offenders: differences between group and solo offenders. *Psychology, crime & law*, 9(3), 237-245, doi: 10.1080/1068316021000030568.
- Buss, A.H. & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of personality and social psychology*, 63, 3, 452-459.
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento da informação: implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência*. Tese de doutoramento (não publicada). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Chu, C., & Thomas, S. (2010). Adolescent sexual offenders: the relationship between typology and recidivism. *Sexual abuse: A journal of research and treatment*. 22(2). 218-233. doi: 10.1177/1079063210369011.
- Hart-Kerkhoffs, L., Vermeiren, R., Jansen, L., & Doreleijers, T. (2011). Juvenile group sex offenders: a comparison of group leaders and followers. *Journal of interpersonal violence*, 26(1), 3-20. doi: 10.1177/0886260510362882.
- Hooing, M., Jonker, M., & van Berlo, W. (2010). Juvenile sex offenders in a Dutch mandatory educational programme: Subtypes and characteristics. *Journal of Sexual Aggression*, 16, 332-346. doi: 10.1080/135526009033550991.

- Keelan, C.M., & Fremouw, W.J. (2013). Child versus peer/adult offenders: A critical review of the juvenile sex offender literature. *Aggression and violent behavior, 1-13*. doi: 10.1016/j.avb.2013.07.026.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com a utilização do IBM SPSS Statistics*. (3ª Ed). Sílabo, Lisboa.
- Marshall, W. L. & Barbaree, H. E. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. In W. L. Marshall, D. R. Laws, & H. E. Barbaree (Edts.), *Handbook of sexual assault: issues, theories and treatment of the offender*: pp.164-181. New York: Plenum Press.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011). *Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses*. Diário da República, 2.ª série, n.º 78.
- Righthand, S., & Welch, C. (2004). Youth who sexually offend: theoretical issues. *Journal of child sexual abuse, 13-32*, doi: 10.1300/J070v13n03\_02.
- Seto, M. C., & Lalumiere, M. L. (2010). What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological bulletin, 136(4)*, 526–575. doi: 10.1037/a0019700.
- Silva, T., Woodhams, J., Harkins, L. (2013). Heterogeneity within multiple perpetrator rapes: a national comparison of lone, duo, and 3+ perpetrator rapes. *Sexual abuse: A journal of research and treatment, 20(10)*, 1-20. doi: 10.1177/1079063213497805.
- Steffensmeier, D., Zhong, H., Ackerman, J., Schwartz, J., & Agha, S. (2006). Gender gap trends for violent crimes, 1980 to 2003: A UCR-NCVS comparison. *Feminist Criminology, 1*, 72-98.

Tomé, G. (2011). *Grupo de pares, comportamentos de risco e a saúde dos adolescentes portugueses*. Tese de doutoramento (não publicada). Universidade técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Van Wijk, A., Van Horn, J., Bullens,R., Bijleveld, C., & Doreleijers, T. (2005). Juvenile sex offender: a group on its own? *International journal of ofender therapy and comparative criminology*. 49(1), 25-36.doi: 10.1177/0306624X04270788.

Vieira, A. & Soeiro, C. (2002). Agressividade e psicopatia. *Temas penitenciarios*, II, 8, 25-35.

Wilson, G. D. (1998). Measurement of sex fantasy. *Sexual and marital Therapy*, 3, 45-55.